

070 e 052

6 2.1

Estrangulamento de Vitória preocupa especialistas

A) 20372

Ernani Monjardim Valls

Foto de Gildo Loyola



O perigo da estagnação da cidade ocorre devido à pouca área territorial

Uns são otimistas, outros mais prudentes. Cinco ex-prefeitos, um técnico em assuntos de urbanismo e o prefeito atual da Capital, deram suas sugestões para a cidade de Vitória, para que ela consiga atravessar a passagem do século sem cair na estagnação, que poderia se ocasionar pelo seu reduzido espaço territorial.

A ilha de Vitória está chegando ao seu ponto máximo de estrangulamento, sem perspectivas momentâneas que possam garantir o seu crescimento econômico, num futuro próximo. A inteligência do homem, com todo o seu poder de criatividade, será de fundamental importância para vencer este obstáculo.

Se os problemas antigamente eram de proporções aritméticas, hoje eles são geométricos. Por falta de planejamento, a cidade carece de toda uma infra-estrutura. Foi e continua sendo castigada pelas tantas indústrias que aqui chegam. Considerada, outrora, a cidade

presépio do Brasil, a pequenina Vitória começou a tomar outra forma, com características semelhantes a de uma metrópole.

A imponência de luxuosos espiços contrasta com a miséria dos morros e com situações cotidianas das mais esdrúxulas. Assim, por

exemplo, quando chove, as antigas galerias não conseguem mais conter o nível das águas que, quando somadas com a maré alta, causam verdadeiro pandemônio para o capixaba. Automóveis ficam submersos, o trânsito entra em colapso, bueiros transbordam, barreiras

deslizam e a paciência de todos vai para o espaço.

As praias existentes estão quase sempre impróprias para o banho, a baía de Vitória transformou-se num imenso depósito de óleo e de dejetos, provenientes dos inúmeros valões, que ainda estão abertos e expostos, para turista nenhum botar defeito. A criminalidade ganha o noticiário nacional. Vendedores ambulantes, ciganas, mendigos, loucos e pivetes misturam-se, a cada dia mais, com a população.

Entretanto, para os entrevistados, ainda existe uma luz no final do túnel. Há condições de se sair deste labirinto. De se conseguir uma possível convivência com todo esse "progresso" aqui instalado. Para tanto, argumentaram numa só voz, bastaria que as autoridades e as grandes empresas, num gesto de ousadia e responsabilidade, investissem firme na solução de todos os problemas. A opinião genérica é de que nada é irremediável, nada é irreversível. Mas o capixaba tem que ficar atento para as obras que poderão delinear o futuro da capital. E boas sugestões realmente é o que não falta. Vamos, então, conhecê-las?

Vitor defende a Região Metropolitana

Defensor da criação da Região Metropolitana da Grande Vitória, o prefeito da capital, Vitor Buaiz, vem lutando também para criar uma cidade mais humana, principalmente no seu centro, além de melhorar o sistema viário, hoje totalmente sufocado.

— Há uma nítida tendência para, no decorrer dos próximos anos, e ocorrer uma expansão natural dos pólos residenciais com melhor qualidade de vida para Vila Velha e, paralelamente, do crescimento industrial no sentido da Serra e Cariacica. Isso não significaria um esvaziamento do município de Vitória? Não se estaria estabelecendo uma progressiva redução na arrecadação de impostos pela PMV?

— Toda cidade tem o seu limite de crescimento demográfico e, conseqüentemente, de imóveis residenciais. Vitória ocupa uma área correspondente a um terço do tamanho de Vila Velha, por exemplo. E certamente que estas cidades em torno de Vitória têm ainda um potencial de crescimento muito maior que a capital. Particularmente, eu não acredito nesse esvaziamento. Basta verificar que os grandes empreendimentos comerciais ainda são preferencialmente instalados aqui. Agora mesmo estamos assistindo à construção do Shopping Vitória, na Enseada do Suá, que será o maior do Estado e um dos mais modernos do País.

— Então, a receita do município não sofreria alterações até a passagem do século?

— Exatamente. Não importa que as pessoas residam em outros lugares que não a capital. O que temos de descatar é que estejam trabalhando aqui. Fazendo circular o capital em nossa cidade. O setor de serviços, o comércio, as opções de lazer e o turismo, são fatores muito marcantes em Vitória. Acho que isso faz equilibrar as coisas.

— Quais as medidas, concretas, que a Prefeitura está adotando visando manter a vitalidade da capital?

— Prevendo o crescimento econômico da cidade, nós estamos estudando um projeto elaborado pelo Bandes, para a construção de um parque tecnológico em Vitória. O desenvolvimento da tecnologia, das pesquisas científicas, apontam para a necessidade dessa importante obra. Nós temos de valorizar o nosso potencial e esse parque trará meios para que isso aconteça.

— Alguns políticos e até ex-prefeitos o acusam de não ter realizado nenhuma obra de maior expressão. Que se fala muito em projetos, que se fará isso e aquilo e nada se vê. O que tem a dizer sobre o assunto?

— Isso é porque eles não estão acompanhando o nosso dia-a-dia. O meu primeiro compromisso foi com a moralização da coisa pública. Criamos a Corregedoria para agilizar processos antigos, encaixados, provenientes de outros tempos que não são o nosso. Nós temos que ter alternativas baratas e que atendam às necessidades da população. Se você cria, por exemplo, dentro da área de São Pedro uma cooperativa e incentiva o setor informal, você está contribuindo pela prosperidade da comunidade. E ainda evita que elas tenham que se deslocar, desnecessariamente, para o centro da cidade. Nós temos procurado investir nas áreas mais carentes. Edificando várias obras de saneamento básico, na área da educação, na saúde tudo em favor das classes menos favorecidas de nossa população. Eu, realmente, não estou preocupado em realizar obras faraônicas.

— Com a terceira ponte, o eixo da cidade mudou-se para a Praia do Canto, a Reta da Penha tornou-se a nova Avenida Jerônimo Monteiro. Isso não significaria a morte prematura do centro da cidade?

— Certamente que o eixo do movimento maior, principalmente nos finais de semana, vai se deslocar para aquela região. O que não significa dizer que o centro da cidade vai ficar to-

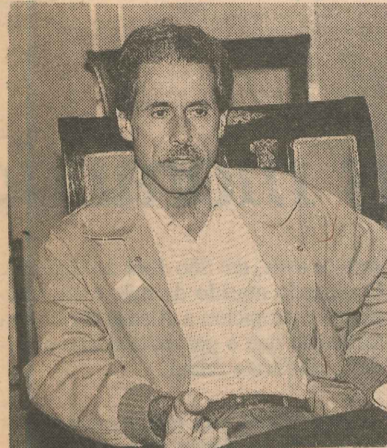
talmente esvaziado. Estamos criando a revitalização da área central de Vitória porque não queremos exatamente que isso aconteça. As praças serão reformadas, estamos incentivando as pessoas a frequentarem os barzinhos da cidade após o expediente de trabalho e assim sucessivamente. Além disso, nós estamos pensando em aproveitar um dos armazéns do porto como área de lazer e cultura. Também vamos abrir os portões do cais de Vitória, para que a população participe do seu contexto diário.

— Em relação ao turismo, o que poderia ser feito além destas medidas, para o incremento desse setor em todo o município?

— Desde o ano passado recebemos um projeto do arquiteto Jaime Larica, para se construir um imenso calçadão na Avenida Jerônimo Monteiro. Estaríamos implantando aqui uma espécie de "Rua das Flores", que é um dos recantos mais pitorescos de Curitiba e atrai turistas do Brasil inteiro. O projeto prevê restaurantes ao ar livre, pontos de cafezinho, bancas de revistas e jornais, áreas para artesanato, bancas de flores, jardins e espaços confortáveis. Tudo visando melhorar a qualidade de vida de nosso povo. Queremos que haja mais convivência e fraternidade entre as pessoas.

— A maioria dos ex-prefeitos optariam por desmanchar o prédio da Fafi que, segundo eles, é estorvo encravado no centro de Vitória. Dizem que a sua arquitetura é confusa, sem passado, presente ou futuro. Além de estar num lugar onde pouca destinação poderia dar-se a ele. O barulho é intenso no local, não serviria para teatro, biblioteca ou coisas semelhantes. O que o senhor faria?

A nossa visão do futuro inclui, necessariamente, a preservação do passado e o resgate da nossa história. Eu não desmancharia nenhum casarão antigo. Havana, em Cuba, tem a sua parte antiga tombada pelo patrimônio histórico da Unesco. Esse setor recebe



Vitor: Valorização do potencial

muito mais turista que a parte nova. O que existe em Nova Iorque além dos espigões? Nada, apenas sufoco e grande agitação. Para incentivar o turismo, nós temos é de criar centros de convenções, juntamente com a rede hoteleira. Melhorar as condições do transporte coletivo. Diminuir o fluxo de veículos particulares e a circulação de ônibus dentro de Vitória.

— Porque a criação da Região Metropolitana da Grande Vitória não foi adiante? Quais os passos que serão dados para que este objetivo seja atingido?

— Faltou sensibilidade política por parte de alguns prefeitos. A competição entre as prefeituras que compõem a Grande Vitória é muito grande. Mas o nosso futuro está exatamente aí, nesta questão. Hoje não estaríamos tão atrasados se a Região Metropolitana já estivesse sido implantada. Seria muito mais fácil barganhar recursos na área federal em nome de um milhão de habitantes. Os projetos seriam visualizados de forma global, atendendo as necessidades básicas de toda a região da Grande Vitória. Estamos esperando as eleições, para fazer um plebiscito neste sentido. Se conseguirmos obter esta vitória, acredito que sepultaremos de uma vez o espírito provinciano que, infelizmente, ainda existe por parte de certos segmentos de nossa sociedade.

A opinião de ex-prefeitos da cidade

■ O escritor **Adelpho Poli Mondjardim**, primeiro prefeito eleito pelo voto direto em Vitória, apesar de ser o mais antigo dentre os ex-prefeitos da Capital, é por suas considerações, talvez, o mais progressista de todos. Ele chegou a profetizar, em um de seus inúmeros livros, o que será Vitória no futuro, até o ano 2.100. Verdadeiro apaixonado por sua terra, especialmente pelo centro da cidade, Adelpho acredita que, daqui a alguns anos, tudo aqui estará devidamente modernizado. A metrópole será uma realidade, os municípios vizinhos estarão totalmente interligados, túneis, viadutos, o metrô de superfície, o teleférico servindo como ponto de atração turística e as garagens subterrâneas serão, então, uma realidade. Adelpho não se importa que o chamem de sonhador, de que suas previsões não passam de utopia. Quando prefeito, diz ele, também o foi considerado assim. Mas as obras que realizou, em sua época, 40 anos atrás aproximadamente, ainda podem ser vistas nos dias de hoje. Foi ele quem pavimentou parte das avenidas César Hilal e Vitória, com blocos de cimento maciço.

■ "Entre as profissões mais desmoralizadas, encontra-se a de futurólogo. Falar sobre o que acontecerá no futuro já levou muita gente a "quebrar a cara". Lembro-me de um que previu, entre outras coisas, que o Brasil seria uma das grandes potências do mundo antes do final do século. Outros que previram a vitória final do regime comunista e assim por diante. Falar sobre o futuro da Capital, afugenta-me e me leva a não tentar. Prefiro falar do momento atual e sugerir algumas medidas que poderão servir para melhorar o nível de vida em nossa cidade. Acho que é fundamental a demolição de muitas casas e pequenos prédios, na tentativa de se conseguir o alargamento de ruas, com critérios urbanistas arrojados.

Não seguiria o caminho de reformar prédios sem valor, como o da Fafi, e outros, porque com o atual índice de barulho, nada poderá estabelecer-se nestes locais. Entendo que a coisa seria pelo máximo de demolições". Estas são opiniões do ex-prefeito e engenheiro **Crisógono Teixeira da Cruz**, segundo quem seria preciso projetar mais áreas verdes com as áreas construídas.

■ Por ter sido o prefeito que construiu quase todas as galerias de águas pluviais da cidade, nas duas oportunidades em que esteve à frente do Poder Municipal, **Setembrino Pelissari** carrega a estigma de ter realizado obras que não dão lobo, "que o povo não vê". Entretanto, para ele, Vitória seria hoje inabitável se elas não tivessem sido feitas. "Foi uma previsão do futuro, apesar de muitos, à época, terem considerado a obra como faraônica". Segundo Setembrino, agora ele teria a ousadia de deslocar o porto comercial de Vitória para a região de Aribiri. E utilizaria todo o espaço do Cais, incluindo o local dos armazéns, como uma grande área de escoamento do tráfego. Ele construiria avenidas de trânsito rápido, desde a altura da avenida Beira-Mar até o eixo do Terminal Rodoviário, com fluxo de veículos desembocando nas pontes ali existentes. A partir de então, Setembrino deixaria as avenidas Jerônimo Monteiro, Governador Bley e Princesa Isabel, além das ruas paralelas que dão acesso na Cidade Alta, apenas para o uso doméstico.

■ O maior orgulho de **Carlito Von Schilgen**, quando de sua passagem como prefeito de Vitória, foi o de substituir a antiga merenda escolar por refeições completas para os estudantes de 1º grau da rede municipal de ensino. Ele defende a tese de que, a partir da boa formação de nossos estudantes, com a educação em pri-

meiro plano, poder-se-ia então esperar um futuro mais digno e humano para a cidade de Vitória. Para Carlito, em se tratando do menor município do Estado, mas com a maior arrecadação, ele não vê como deixar de pensar em iniciativas como a transferência do aeroporto de Vitória para outro município, como recuperação de um vastíssima área, tecnicamente aproveitável. Sugeriu a construção de um centro de convenções, o término do projeto da Praia de Camburi e um túnel ligando o centro de Vitória com a avenida Serafim Derenzi, no contorno da ilha. O ex-prefeito observa que, até o final do século, os responsáveis pelo destino de Vitória terão que definir prioridades, minimizando os elementos complicadores para que possamos fazer a travessia sem trauma. Acha necessário conciliar o crescimento econômico com a ecologia.

■ Otimista, o ex-prefeito **Hermes Laranja** considera Vitória uma cidade viável hoje e no futuro. Crítico, para ele bastam coragem e dinamismo para encarar de frente os problemas que existem. "Estamos fartos de projetos, de planos revolucionários, mirabolantes, do anúncio sistemáticos do início de obras que nunca são realizadas. O povo está saturado de todo esse recalque instalado hoje na PMV, que está imperrando a máquina administrativa e o desenvolvimento do município". — Eu faria obras de grande vulto sim. Podem chamá-las de faraônicas ou do que quiserem. O negócio é trabalhar e fazer acontecer. Eu não acredito nos "achólogos" (aqueles que vivem achando isso, achando aquilo) e nada fazem de objetivo pela cidade. O problema mais grave de Vitória está no setor viário. Seria preciso a construção de um elevador, saindo do final da avenida Beira-Mar, passando por cima dos armazéns do Cais e desembocando no Terminal Rodoviário de Vitória.

Simões cobra uma reforma política

Especialistas em assuntos de urbanismo e planejamento, o professor universitário **Roberto Garcia Simões** defende uma ampla reforma na Prefeitura e Câmara Municipal de Vitória, a fim de propiciar condições para a interação e combinação das formas de democracia representativa, inclusive a "participativa", porque a idéia bairrista exercida hoje, está em desacordo com a nova cultura política.

O professor advoga o conceito de que, neste momento, deve-se pensar no sentido mais amplo nas questões relativas ao urbanismo, fazendo-se necessária a institucionalização imediata da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Roberto Simões observa que a utopia sobre o futuro de Vitória deve buscar uma nova forma de gestão da cidade, que diminua a dependência do cidadão em relação ao Governo. Essa gestão se daria segundo a lógica de reforçar e ampliar os direitos da cidadania, passando pela descentralização e participação, além do desenvolvimento de uma cultura política que valorize a definição de propostas para cada região da cidade (a grande Goiabeiras, a grande Maruípe, a grande Santo Antônio) e pelo controle e avaliação permanente dos serviços públicos.

"É preciso uma mudança na concepção do planejamento, a fim de garantir a pluralidade de propostas e as consequentes soluções. Em Vitória, face as limitações da malha viária, o transporte coletivo é uma questão decisiva para o Século XXI. Nos corredores de transporte, deveriam ser estudadas alternativas tecnológicas, como o veículo leve sobre trilhos (VLT), que é uma versão atualizada dos antigos bondes".

Ainda na opinião de Roberto Simões, em termos de futuro, as grandes questões inseridas no Plano Diretor Urbano (PDU) deveriam passar sempre pela variável ambiental. Esse vislumbre dos anos vindouros, tem que se materializar num projeto que articule as dimensões econômica, social, político-institucional e cultural. "Onde o pensar global não paralise o agir local" — finalizou.